

As relações de gênero e a história produzida pela revista do Instituto Historico e Geográfico de Santa Catarina

*Rosa Maria Schroeder**

Resumo

Analisa os artigos inseridos na primeira fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no período de 1902 a 1920, na perspectiva das relações de gênero. Constata o silêncio das vozes femininas, além de verificar que a presença das mulheres, nesses textos, decorre das ações masculinas e não por suas realizações pessoais.

Unitermos: relações de gênero, mulheres, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Revista do IHGSC.

Tornar as mulheres tema de estudo é descobrir algo até então invisível e, assim, o(a) historiador(a) que trabalhar com relações de gênero deve ter o cuidado de levantar o véu para ver o que havia sido encoberto, para dar um significado àquele silêncio.

Ao considerar que as relações sociais são constituídas, não apenas de sujeitos em classes diferentes, sejam elas: econômicas, sociais ou culturais, mas também em campos sexualmente

* Graduada em Biblioteconomia em 1977 pela UDESC e especializada em Marketing em 1990 pela UDESC. Iniciou o Mestrado em História na UFSC em 1995. Orientadora Profª. Dra. Maria Tereza Santos Cunha.

divididos, leva-nos a querer perceber a história das mulheres pois, “a história que conhecemos foi fundamentalmente escrita a partir da perspectiva do sujeito masculino autorizado – a consciência ‘única triunfante’”.¹

O objetivo deste trabalho é a análise dos artigos inseridos na primeira fase da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no período de 1902 a 1920, na perspectiva das relações de gênero. Sabe-se que este estudo não possibilitará uma visão das mulheres daquela época, mas a representação que se fazia delas, assim como mostrará os papéis normativos criados para que neles, elas se enquadrassem.

O fazer histórico é caracterizado pela existência de uma premissa onde gênero quer dizer relação, ou seja, as posições dos sexos e a opressão das mulheres não são algo determinado, mas o fruto de uma relação culturalmente construída. Assim, “homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado”.²

Sabe-se que a historiografia foi escrita predominantemente por homens e além disso, foi freqüentemente calcada em personagens masculinos, cabendo às mulheres uma posição secundária. Assim, elas foram o grande contingente silencioso e ausente da história oficial. As mulheres estavam habituadas a transitar no espaço privado, o que pode ter propiciado o silêncio da história escrita, sobre a presença delas na sociedade. Por não se exporem, habitualmente, no espaço público, as mulheres não tiveram um discurso visível. O homem foi a voz que deu uma identidade à mulher e a definiu. E ao se definir como “a” voz, o homem desqualificou as mulheres e se colocou como a única e verdadeira voz da história.

¹ FOX-GENOVESE, Elizabeth. *Colocando a história das mulheres na história* (texto) p.21.

² PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. *Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n.2,1994. p.41.

Pode-se afirmar que, neste período e neste espaço, as mulheres estavam “predestinadas” a fazer do âmbito familiar o seu único espaço de locomoção. O discurso vigente, delegava às mulheres um papel de coadjuvante do homem, não se valorizando a mulher trabalhadora que, nesta época, atuava exercendo atividades que lhe permitiam a sobrevivência, mas sendo valorizados somente aqueles papéis que ela representava sob a tutela masculina.³ Entretanto, é preciso salientar que sinais de resistência (pouco evidenciados) apareceram.

A história que é construída pelo IHGSC é uma história escrita por homens da elite florianopolitana e dois itens precisam ser considerados quando analisa-se este assunto: os discursos sobre as mulheres e os seus silêncios.

Analisando-se a primeira fase da Revista, pode-se verificar que são encontradas poucas alusões sobre a presença feminina na história construída pelo Instituto e, quando existe registro, esta presença é fortuita. Na maioria dos textos analisados, as mulheres aparecem “por causa” de um homem e não por suas realizações pessoais.

Deve-se ter em mente que a maioria dos artigos publicados veiculam textos escritos algum tempo antes de sua publicação, não sendo em sua totalidade artigos escritos para serem publicados. São textos reproduzidos na Revista, como registro para a história.

No que escreveram, de um modo geral, pode-se caracterizar o discurso como um reflexo das visões de mundo da época descrita, não representando, deste modo, as idéias do período 1902 - 1920.

³ Id. *Mulheres honestas, mulheres faladas*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992. p. 36.

Em homenagem à verdade, cumpre lembrar que, em tudo e por tudo, salientou-se a mulher brasileira, pois foi ela quem mais cooperou para a redenção dos cativos e como não ser assim, se ela, a mulher é soberana e governa o mundo, porquanto o seu trono é o amor, seu cetro a beleza, seu diadema a virtude...⁴

A maioria dos textos refere-se às mulheres burguesas e aqui ela é descrita como um ser superior porque governada pelo amor, pela beleza moral, pela virtude e, portanto, governada pelo espiritual. Ao não vinculá-las ao mundo material, o autor está idealizando um tipo de mulher que não corresponde ao real e sim ao modelo proposto, idealizado, de mulher etérea e cultivadora de valores espirituais, além de permanente fonte geradora de emoção e afeto. Convém salientar que este texto se refere à libertação dos escravos e comentando sobre a Princesa Isabel, utiliza este ato para glorificar todas as mulheres brasileiras que na realidade, ao desempenharem o papel de protetoras dos oprimidos, desempenham na essência, um papel condigno com o de mãe.

A idealização da mulher também vai ficar explícita nas cartas íntimas do coronel Fernando Machado de Souza, endereçadas à sua esposa.

Nestas cartas, sempre endereçadas à “Minha querida velha” ou “Minha querida velha do coração”, vê-se a idealização das mulheres como mães. A essência das mulheres, nesta sociedade, freqüentemente esteve ligada à maternidade. As próprias mulheres aceitaram a tarefa de criar e educar a futura geração, assim como aceitaram a dedicação às tarefas domésticas, como esferas próprias e típicas delas. Neste texto, esta idealização das mulheres enquanto mães, é muito mais forte do que a idealização da mulher enquanto esposa. Diz ele: “Então se não fossem os filhos vinhas tratar-me? e eu te mereceria tanto sacrifício?”⁵ A concepção é de que ela deva

⁴ CAMPOS MELO. Treze de Maio. *Revista do IHGSC*. Florianópolis, v.1, n.2, 1902. p.57.

ser primordialmente mãe e só depois esposa, portanto deve primeiro assistir aos filhos e somente depois é que ela poderia desempenhar seu papel de esposa. Também, enquanto esposa, desempenha um papel maternal, pois ele sugere que ela vá tratá-lo, cuidá-lo como uma mãe cuidaria de seu filho. Portanto, a idealização dela como esposa corresponde a uma imagem de mulher “maternal” que, enquanto mãe serve para gerar os filhos, cuidar deles e da casa (ser assexuado), que também é “amorosa” e ligada ao ideal proposto de mulher perfeita.

Enquanto é vista somente como esposa e mãe, ela é uma mulher que se realiza em função de algo externo a ela, de uma personalidade que os filhos e o marido lhe conferem e não através de suas capacidades ou de sua própria personalidade. É uma vida inteira mergulhada nos outros o que não possibilita o vislumbre do que a própria pessoa é. Aliado a isto, o fato de haver um endeusamento deste papel de mãe torna muito mais difícil uma transformação.

A vinculação da mulher com a beleza é sempre recorrente. A mulher é um objeto que deve ser agradável ao olhar. A análise é sempre feita em função do que ela é e não em função do que ela faz. São enfocadas as suas atitudes passivas e não as atitudes ativas, caracterizando uma mulher que não age, mas que somente recebe a ação e, no máximo, responde à ela.

É o que se observa, também, no artigo que transcreve as *Voyages and travel de Langsdorff* em 1817, feitas em Santa Catarina, onde ele diz:

as mulheres não são feias. Entre as da mais alta classe, que são vistas sempre como na Europa, ha com justiça muito pronunciada belleza.

No geral são de estatura mediana, de tez morena, bem feitas, de

⁵ SOUZA, Fernando Machado de. Cartas íntimas do Coronel Fernando Machado de Souza. *Revista do IHGSC*, Florianópolis, v.3, 1914. p. 70.

cabelo castanho escuro e olhos cheios de fogo (...) algumas eram aca-nhadas⁶.

Além da referência corriqueira à beleza em primeiro lugar, vê-se também, a menção ao poder sensual da mulher. Os olhos negros, cheios de fogo são um indício do perigo que ela representa. Ela personificaria uma tentação aos homens, convidando-os ao pecado. Esta visão das mulheres como responsáveis pelo pecado vem de uma tradição cristã que a Igreja sempre divulgou, vendo nas mulheres o poder de desencaminhamento do homem e de destruição da família. A Igreja utilizou um discurso para manter o seu domínio sobre o comportamento da família, estabelecendo atitudes em relação à procriação, ao modelo de família desejável e à moral sexual vigente. O discurso da Revista transparece uma profunda incorporação da tradição cristã, bem como ao que se refere à diferenciação entre os papéis de homens e mulheres.

Esta referência à mulher como algo perigoso pode ser igualmente observada no artigo “Regimento que se há de observar no transporte de casaes das Ilhas da Madeira e dos Açores para o Brasil”, onde, em todo o texto, encontramos a conotação das mulheres como seres perigosos, incitadoras do pecado e da desordem e que portanto, precisam ser disciplinadas.

... por achar conveniente acautelar as desordens que costumam suceder em viagens largas, particularmente nos navios em que se transportam mulheres, e ser justo que os que levam neles as suas famílias tenham consolação de ver que se dão todas as providencias necessárias para que elas sejam conduzidas com toda a honestidade e recato...⁷

⁶ LANGSDORFF, G.H. Voyages and travel de Langsdorff. Revista do IHGSC, Florianópolis, v.3, 1914. p. 70.

⁷ REGIMENTO que se há de observar de casaes das Ilhas da Madeira e dos Açores para o Brasil. Revista do IHGSC, Florianópolis, v.5, 1916. p. 74-8.

Segue no texto uma série de normas a ser observada e a informação de que eram escolhidos os “Mandantes”, homens que ficavam com as chaves das portas e “postigos das camaras em que ouverem de ir as mulheres”, ficando a outra chave com o capitão.

Eram também nomeados guardas para as referidas câmaras bem como serventes, entre homens casados fiéis, para levarem a estas mulheres as rações do fogão. Diz o Regimento que: “dentro das camaras das mulheres não entrará homem nenhum, salvo em caso de doença, o Cirurgião ou Capelão”. As crianças até 7 anos poderiam ir às camaras das mulheres e, ainda, que “não falará homem algum com as mulheres, salvo marido à sua mulher, filho à mãe, irmão à irmã, mas o Mandante abrirá o postigo e ficará presente enquanto ele estiver aberto e isto também quando levar a comida”.

Relata, ainda, que as mulheres só saíam para ouvir missa nos dias santos, quando eram feitas alas para que elas passassem e depois retornassem às câmaras, devendo ser fechadas as portas. Prescrevia castigos como prisão e diminuição de ração para homens que falassem com as mulheres não-parentes.

Apesar de levar em consideração que este texto refere-se a um outro tempo, por volta de 1750, é interessante perceber que a sua publicação, em 1916, ou seja, quase dois séculos depois, é a rememoração de algo que ainda tem significado, de algo digno de ser repensado. Aqui é possível notar a desqualificação da mulher enquanto ser social. Daí deduzir-se que, para a sociedade portuguesa da época, as mulheres eram tão perniciosas e pervertidas, que não podiam permanecer livres no navio, pois possibilitariam a quebra de todas as regras da moral.

A dominação que os homens exerciam era total e permitia, inclusive, que elas fossem encerradas em uma câmara du-

rante todo o período da travessia do Atlântico, como se fossem criminosas ou loucas. Este paralelo é cabível, pois somente estes indivíduos são historicamente encarcerados, por constituírem perigo para a sociedade. Esta dominação é tão flagrante que, inclusive, as normas estabelecidas dizem que sempre os homens (marido, filho, irmão) são os que podem dirigir-se às mulheres (esposa, filha, irmã), subtendendo-se, assim, que a possibilidade oposta não poderia ocorrer.

O estabelecimento de “alas”, feito por homens, por meio do qual as mulheres caminhariam, mostra que eram vistas como seres muito perigosos. No decorrer da história, as mulheres foram vistas dicotomicamente: de um lado como puras, imaculadas, a mãe – Maria; e de outro, como pervertidas, perdidas, prostitutas – Eva. Ou seja, as “virtudes femininas”, como a pureza, eram promovidas com o objetivo de negar/disciplinar a “natureza lasciva e corrompedora” da mulher, que parece alimentar o imaginário masculino. O discurso hegemônico da época não registrava fugas a estes estereótipos, apesar de sabermos, que na realidade, muitos outros papéis foram sendo exercidos pelas mulheres, sem que fossem divulgados. Mas, o que o texto sugere é que as mulheres inscritas nesse episódio estariam ligadas à segunda possibilidade e, assim, o controle que estabeleceu-se precisou ser completo e eficiente.

Em outra circunstância, o discurso veicula “banalidades” a respeito das mulheres. A idéia de que elas são bibelôs, que devam ser enfeitadas para as grandes ocasiões, corresponde àquele ideal de um ser que não tem vontade própria, um ser fútil que não tem outras capacidades que não as já estabelecidas. Assim, a esposa que tem por dever receber seus convidados da melhor maneira possível, corresponde exemplarmente à imagem de um ser com papéis já definidos pela sociedade. Pois, recebendo uma educação restritiva, tudo indica que as mulhe-

res interiorizam a sua própria opressão e, por consequência, não intuem que possam existir outros papéis para elas. Convém lembrar que esta mulher que aparece no discurso é de classe média-alta e que, concomitantemente a isto, outras possibilidades para elas estão sempre sendo colocadas na sociedade, mas que não vão transparecer nos discursos analisados.

As mulheres encerradas no seu “mundo de mulher” vão aparecer porque, enquanto se cria um mundo feminino, elas nele permanecerão e dele dificilmente sairão. É a mulher confinada no serviço doméstico, isolada no seu espaço privado que aparece quando o autor diz: “pelo senador remetti uma factura de jóias proprias para a ocasião em que o bello sexo mais se apurava no brilhantismo da hospedagem e recebimento da família Imperial”.⁸

Mais adiante, retorna à imagem da mulher frágil, que necessita andar sempre acompanhada, e ao ser pueril, que adora se ornar com objetos europeus e com os mais finos tecidos.

Recebem seus hóspedes com grande cortezia e não são retraídas como o bello sexo nos tempos idos, que vivia fechado todo o anno e só podia ver um estranho pelo buraco da fechadura ou então batendo-se á porta. Embora irrefectidamente ellas não deixam de ter pequenas intrigas de amor. Passeiam sempre juntas em toda parte. Os mais insignificantes presentes de objectos europeus: ouropel, pulseiras, brincos e outras coisas deste genero são muito bem recebidos. O vestuário de ambos os sexos acompanha a moda europèa...⁹

Entretando, cabe ressaltar que a expressão “não são retraídas como o bello sexo nos tempos idos” denota uma mudança de comportamento das mulheres, que permite inferir que já não se subordinam como antigamente e começam a apresentar uma atitude diferente da tradicional.

⁸ A VISITA Imperial. *Revista do IHGSC*, Florianópolis, v.2, 1913. p.184.

⁹ LANGSDORFF, op. cit. p. 71.

Já no texto “Voluntários da pátria”, uma homenagem aos heróis da Guerra do Paraguai, Laércio Caldeira diz: “A mulher catharinense, as maes dos moços patriotas, as suas irmãs e as suas noivas, manifestaram approvação no acto nobre que elles realizaram, promovendo meios para angariarem donativos afim de uma bandeira ser offerecida ao valente corpo de voluntários”. E adiante: “... sobre as cabeças daquelles moços uma bandeira trabalhada com carinho, ia-lhes segredando que a mulher catharinense aguardava no lar, a fama das suas vitórias, as novas do seu heroismo”.¹⁰

Neste texto, estão bem visíveis as circunscrições das esferas de atuação dos indivíduos. Enquanto os homens estão na esfera pública, prontos para obter vitórias e dispostos a tornarem-se heróis, as mulheres permanecem protegidas na segurança do seu lar e, portanto, na esfera privada. Os homens têm a possibilidade de modificar o mundo, pois atuam “fora” e as mulheres não tem esta possibilidade de mudança, pois vivem “dentro”.

Convém lembrar entretanto que, historicamente, quando os homens saíam para as guerras, as mulheres ocupavam seus espaços e essas atuações em papéis ditos “masculinos” não são evidenciadas.

Outras notas bastante recorrentes, são aquelas que dão notícia de mulheres que tomavam crianças para criar, fazendo disso uma profissão, já que recebiam do Estado um salário.

É preciso observar também que, no texto abaixo, fica explícito que a mulher recebe a missão em consequência de seu marido estar ausente da cidade, não sendo possível, portanto, o seu comparecimento. Mas, diversas outras notas sobre o mesmo assunto, trazem as mulheres como responsáveis pela situa-

¹⁰ CALDEIRA, Laercio. Voluntários da Pátria. *Revista do IHGSC*, Florianópolis, v.5, 1916. p. 50.

ção, depreendendo-se daí que, as mulheres que não tinham marido poderiam assumir o compromisso por elas mesmas.

E logo apareceu a mulher de Lazaro de Souza q. por estar destacada na fortaleza de Santa Cruz não podia vir, dizendo que no diade 24 de junho lhe fôra dado por ordem do Senado um engeitado de nome Manoel e que se obrigava crial-o por 10 tostões por mez nos primeiros tres annos ...¹¹

Dessas referências às mulheres, feitas nas revistas analisadas, durante o período de 1902 a 1920, encontra-se somente uma única alusão a uma mulher que não desempenha papel tradicional na sociedade como mãe ou esposa, mas que assume um papel que difere do “estabelecido”. Isto ocorre no artigo de Virgílio Várzea, “Garibaldi e sua ação no Brazil”.¹² Apesar deste texto versar sobre Giuseppe Garibaldi, há um capítulo dedicado à Anita Garibaldi.

Aborda inicialmente o primeiro contato entre os dois, quando ele a vê na praia, chorando por causa do marido doente. Giuseppe oferece ajuda para levá-lo a um hospital. Diz o autor: “aceitou, mas sob condição de acompanhar ella ao doente, o que foi deferido, transportando-se o esposo a braços para bordo do Seival...” É possível observar que a mulher aqui começa a ter vontade própria, e que esta é respeitada. Mais adiante comenta: “no hospital transforma-se a moça na melhor das enfermeiras, não só acupando-se carinhosamente do marido como dos numerosos feridos dos ultimos combates...” Aqui, a mulher começa a ser percebida desempenhando uma função extra-lar que é, na realidade, uma função assistencial. Este caráter assistencial é muito valorizado pela sociedade da época, por ser este uma extensão do seu papel maternal.

¹¹ *Revista do IHGSC*, Florianópolis, v.8, 1919, p. 93.

¹² VÁRZEA, Virgílio. Garibaldi e sua ação no Brasil. *Revista do IHGSC*, Florianópolis, v.8, 1919. p. 4-9.

Após o falecimento do marido, e sabendo que Garibaldi sairia para a costa com seus navios, ela solicita acompanhá-lo, declarando que “queria prestar os seus serviços no caso dum combate, e tambem por gratidão a elle Garibaldi”.

O que se vê é uma mulher que não se conforma com os papéis já estabelecidos pela sociedade e quer assumir novas posturas. Descrevendo-a, diz Várzea:

Anita não tinha propriamente a faceirice, a garridice característica do seu sexo (...) porém sim, o ar sombrio e modesto, devotado unicamente às ações e deveres do lar. São raras, muitíssimo raras, às organizações dessa ordem, porque a generalidade derrama-se pela blandícia, a meiguice, a graça para servir exclusivamente ao amor. Mas a especie sabe também constituir as heroínas com a doação de atributos peculiares.¹³

O autor consegue ver que esta mulher tem personalidade diferente das outras de sua época e salienta estas qualidades como constituintes de uma heroína e não de uma mulher normal. Fica nítido que ela é diferente das outras e, portanto, as outras devem continuar a desempenhar seu papel tradicional de mãe e esposa, enquanto Anita, por ser heroína, pode ser louvada por suas atitudes fora dos padrões. Apesar de exaltá-la, é preciso deixar claro que esta posição de destaque que ela obtém, é fruto de seu relacionamento com um homem, no caso, Giuseppe Garibaldi, que é o verdadeiro herói.

... apartadas a intervenção e influencia de Garibaldi, ella não chegaria à entidade extraordinaria e singular que viria a ser, dentro em pouco, nem realizaria jamais os altos feitos a que mais tarde viria achar-se levada: mas simplesmente vegetaria no viver commum e mesquinho da sua terra e da sua gente, a cumprir, como todas as mulheres em geral, com dedicação e obscuridade dos trabalhos domesticos, cheios de sacrificios, a sua missão social.¹⁴

¹³ *ibidem.*

¹⁴ *ibidem.*

O autor deixa transparecer, neste texto, seu sentimento com relação às outras mulheres, aquelas que “vegetam” e não vivem. O emprego da expressão “obscuridade dos trabalhos domésticos” por si só já explica estes sentimentos.

... a par de qualidades muito femininas, como a sua excessiva dedicação e ternura pelo esposo e pelos filhos, á qual jámais se cançou de enaltecer Garibaldi, tinha, dizemos, a par disso, uma certa fibra máscula de onde o extraordinario heroismo que sempre revelou em toda a sua vida...¹⁵

O reforço de suas qualidades de mãe e esposa que Giuseppe Garibaldi faz questão de ressaltar servem para qualificá-la, já que somente suas realizações como guerreira não bastavam para que ela fosse respeitada. A assertiva de que ela era uma mulher excepcional enquanto guerreira tinha que ser embasada por suas louvadas aptidões de mãe e esposa, para que fosse reconhecida pela sociedade. É muito interessante notar que a afirmação de suas qualidades positivas, a coragem e o heroísmo, são vistas pelo autor como qualidades masculinas. Parece que Anita provoca em Virgílio Várzea um certo mal-estar, pois para lhe dar um lugar, o autor lhe tira a feminilidade e a masculiniza. Pode-se entender esta sua posição, pois, para a época, as qualidades vistas como femininas eram menosprezadas, e as masculinas eram realçadas. Não nos esqueçamos que a medida-padrão é o homem.

Em outro segmento do artigo, diz o autor sobre Giuseppe Garibaldi: “ao alvorecer, tudo preparado para o combate, tentou desembarcar Annita temendo lhe succedesse algum desastre. Ella porem oppoz-se terminantemente a isso”. E Garibaldi “seguido por todos atirou-se á bordo, de fuzil e machadinha na mão, dizendo á Annita que se occultasse na coberta. Ella

¹⁵ ibidem.

respodendeu-lhe a sorrir : – Sim, vou descer á coberta, não para me occultar mas a fazer subirem alguns poltrões que lá se foram esconder...”¹⁶

Pode-se notar em Anita uma atitude de resistência quando aceita a recomendação de Garibaldi para descer ao porão, mas não para fazer o que lhe foi recomendado, e sim, o que ela achava ser o correto. Ao mesmo tempo, a atitude de Giuseppe demonstra uma atitude de proteção de um homem com relação à sua mulher e não de um comandante com relação ao seu comandado. Ou seja, mesmo desempenhando um papel de guerreira, Anita é vista primeiro como mulher e por isso necessitando de proteção.

Ao se analisar o discurso contido na Revista do IHGSC, percebe-se o silêncio do sujeito feminino. É preciso entender que, apesar do silêncio não ser observável de maneira direta, ele não é o vazio, ele pode ser percebido.

Entende-se o silêncio, numa perspectiva análoga a Thompson quando ele se referindo a Marx diz: “é aqui que o silêncio de Marx (...) é tão gritante que chega a ensurdecer”.¹⁷ É o silêncio que não é sinônimo de “nada”. Ele significa.

Segundo Foucault é no discurso que se articulam poder e saber, mas não se deve imaginá-lo como dividido entre o discurso admitido e o excluído, mas é preciso admitir um

jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.¹⁸

¹⁶ ibidem.

¹⁷ THOMPSON, E.P. *Miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.190.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 96.

Enquanto a serviço do poder, pode-se analisar o silenciamento produzido pelo discurso como um tipo de violência para obter submissão e aí “... a repressão funciona, decerto, como condenação ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber”.¹⁹

O silenciamento também pode ser produzido através de um discurso, quando se diz algo para evitar que signifique além do que se quer. Ou seja, “se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito”.²⁰ É desta forma que se anulam os significados que se quer evitar. Assim, pode-se entender que o não-dito desenha o perímetro do discurso, estabelecendo até onde o implícito pode ir. A existência de um discurso pronto, o estabelecimento de papéis já bem definidos para a mulher na sociedade, impossibilitavam o aparecimento de um outro sentido para ela. A normatização de seus comportamentos intimidou o aparecimento de comportamentos diferentes daqueles estabelecidos, dificultando as transgressões.

Mas, lembrando Foucault, o mesmo silêncio que pode ser fruto do poder, pode servir para produzir a resistência. E foi aproveitando este silêncio que formas de resistência foram sendo articuladas.

¹⁹ ibidem. p. 10.

²⁰ ibidem. p. 10.